



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

ELAINE CRISTINA SILVA DE OLIVEIRA

**AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NA DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM
NA ESCRITA**

Orientador(a): Dr^a. Geovani Soares de Assis

JOÃO PESSOA

2015

ELANE CRISTINA SILVA DE OLIVEIRA

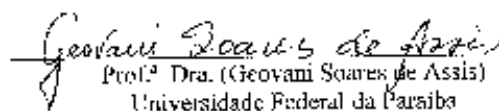
AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NA DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA
ESCRITA

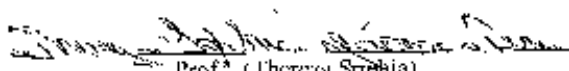
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
curso de Bacharelado de Psicopedagogia do
Centro de Educação da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito parcial para a obtenção
do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

Orientador(a): Prof.ª Doutora. Geovani Soares
de Assis

Aprovado em: 02/12/2015.

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª Dra. (Geovani Soares de Assis)
Universidade Federal da Paraíba


Prof.ª (Thereza Sophia)
Universidade Federal da Paraíba

AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NA DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA ESCRITA

Resumo: Nos últimos anos as dificuldades de aprendizagem tem se tornado o foco de estudos e pesquisas com intensidade. Mesmo assim são pouco entendidas pelo público em geral. Pois o termo dificuldade de aprendizagem refere-se não a único distúrbio, mas a uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho acadêmico. Com isso as dificuldades na escrita sempre existiram, porém ganharam maior destaque após o desenvolvimento de estudos científicos sobre os distúrbios de aprendizagem. O objetivo do estudo em foco é demonstrar a avaliação psicopedagógica clínica, junto a um adolescente com dificuldade de aprendizagem na escrita. Trata-se de um estudo de caso, caracterizado segundo o objetivo como um estudo descritivo, cuja análise qualitativa deu-se a partir dos dados coletados, junto a um participante de 12 anos de idade, que cursava o 7º ano do ensino fundamental II, de uma escola pública da rede municipal de ensino da cidade de João Pessoa. Foram utilizados como instrumentos de pesquisa os testes de Piaget, EOCA, TDE, TCLPP e o PROLEC. A análise dos dados colhidos pelos instrumentos citados anteriormente possibilitou-nos evidenciar que o sujeito, protagonista do estudo apresentou dificuldade na escrita, demonstrando que suas habilidades de escrita não corresponde com o ano letivo que estava cursando.

Palavras-chave: Avaliação psicopedagógica. Aprendizagem. Escrita

1 INTRODUÇÃO

As dificuldades específicas de aprendizagem estão relacionadas a situações de fatores externos onde a criança não conseguiu um grau de adiamento escolar compatível com sua capacidade cognitiva e que não demonstram problemas auditivos, sensoriais, visuais ou psicológicos que possam explicar tais dificuldades.

Podemos entender que as dificuldades de aprendizagem podem ser chamadas de percurso, causados por problemas familiar ou da escola, que muitas vezes não oferecem condições adequadas para o progresso de desenvolvimento da criança.

A presença de uma dificuldade de aprendizagem não implica necessariamente um transtorno, que se traduz por um conjunto de sinais sintomatológicos que provocam uma série de perturbações no aprender da criança, interferindo no processo de aquisição e manutenção de informação de uma forma acentuada.

Sendo assim atentos ao fato de que a habilidade de escrita é um processo contínuo que evolui com a idade, acelera-se, torna-se firme, abrandando-se e adquire regularidade e alerta-se que há que se ter cautela ao avaliar suas dificuldades. Erros como inventar palavras e omitir, confundir, inverter algum som ou letra são relativamente comuns no início dessa fase de aprendizagem, adquirindo um sentido de dificuldade de aprendizagem somente após uma experiência escolar prolongada.

O interesse em pesquisar e aprofundar a dificuldade de aprendizagem na escrita surgiu a partir das experiências vivenciadas no estágio clínico supervisionado, no sexto e sétimo períodos do Curso de Psicopedagogia, da Universidade Federal da Paraíba. Com o presente estudo pretendemos demonstrar a avaliação psicopedagógica clínica, junto a uma criança com dificuldade de aprendizagem na escrita.

Para consecução do objetivo proposto trabalhamos como objetivos específicos: observar o adolescente na sala de atendimento psicopedagógico; identificar as dificuldades de aprendizagem demonstradas pelo adolescente no processo de escrita e analisar as dificuldades identificadas.

A presente pesquisa consistiu em um estudo de caso, realizado com um adolescente em atendimento no Centro de Atendimento Psicopedagógico do curso de Psicopedagogia, da UFPB. Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter descritivo. Esperamos a partir desta pesquisa, construir e apresentar um artigo, que demonstre como avaliar as dificuldades de aprendizagem na escrita.

Assim, este artigo constará da introdução, da base teórica que apoiará a leitura do caso; o percurso metodológico, ocasião em que detalharemos os passos dados na realização da pesquisa; o relato, análise e discussão do caso e, finalmente, as considerações finais a que chegamos, fruto desta pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Psicopedagogia nasceu da necessidade de uma melhor compreensão do processo de aprendizagem, ou seja, contribuir na busca de soluções para a difícil questão do problema de aprendizagem (BOSSA, 2000). A aprendizagem deve ser olhada como a atividade de indivíduos ou grupos humanos, que mediante a incorporação de informações e o desenvolvimento de experiências, promovem modificações estáveis na personalidade e na dinâmica grupal as quais revertem no manejo instrumental da realidade

O trabalho psicopedagógico implica compreender a situação de aprendizagem do sujeito, individualmente ou em grupo, dentro da sua realidade. Em que a compreensão requer uma modalidade particular de atuação para cada situação em estudo, significando que não há procedimentos predeterminados, pois esta é uma característica da atuação clínica na prática psicopedagógica, uma vez que a metodologia do trabalho, a abordagem e o tratamento, vai sendo direcionando à medida em que a problemática aparece.

O psicopedagogo procura observar o sentido particular que assumem as alterações da aprendizagem do sujeito ou do grupo, pois busca o significado de dados que lhe permitirão dar sentido ao observador. Por exemplo uma escola inadequada, a separação dos pais, o nascimento de um irmão, uma doença na família e a morte de um animalzinho de estimação e muitas outras situações traumáticas que não elaboradas pelo sujeito poderão comprometer o seu processo de aprendizagem.

A psicopedagogia não se restringe à compreensão/explicação da atividade psíquica da criança e das abordagens que daí decorre, mas abrange todo o processo de aprendizagem e, conseqüentemente, inclui quem está aprendendo, independente de ser criança, adolescente ou adulto. O Código de Ética da Psicopedagogia afirma que "A Psicopedagogia é um campo de atuação em saúde e educação o qual lida com o conhecimento, sua ampliação, sua aquisição, suas distorções, diferenças e desenvolvimento por meio de múltiplos processos".

Pois segundo a lei 3512/10 que estabelece os parâmetros do campo de atuação, no artigo 4º, parágrafo terceiro que define como deve ser feito a intervenção psicopedagógica utilizando elementos próprios com cuidado para não usar nenhum teste exclusivo de outra área como a fonoaudiologia e a psicologia. Com isso podemos entender que a psicopedagogia tem seus próprios métodos de avaliação e de intervenção.

Pois Coll, Marchesi e Palacios (2007, p. 279) explica que "a avaliação psicopedagógica é um dos componentes críticos da intervenção psicopedagógica, pois nela se fundamenta as decisões voltadas à prevenção e solução das possíveis dificuldades dos sujeitos, promovendo melhores condições para o seu desenvolvimento".

A avaliação psicopedagógica envolve: a) a identificação dos principais fatores responsáveis pelas dificuldades da criança. Precisamos determinar se trata-se de um distúrbio de aprendizagem ou de uma dificuldade provocada por outros fatores (emocionais, cognitivos, sociais...). Isto requerer que sejam coletados dados referente à natureza da dificuldade apresentada pela criança, bem como que se investigue a existência de quadros neuropsiquiátricos, condições familiares, ambiente escolar e oportunidades de estimulação oferecidas pelo meio a que a criança pertence; b) o levantamento do repertório infantil relativo as habilidades acadêmicas e cognitivas relevantes para a dificuldade de aprendizagem apresentada, o que inclui: conhecimento, pelo profissional, do conteúdo acadêmico e da proposta pedagógica, à qual a criança está submetida; investigação de repertórios relevantes para a aprendizagem, como a atenção, hábitos de estudos, solução de problemas, desenvolvimento psicomotor, linguístico, etc.; avaliação de pré-requisitos e/ou condições que facilitem a aprendizagem dos conteúdos; identificação de

padrões de raciocínio utilizados pela criança ao abordar situações e tarefas acadêmicas, bem como déficits e preferências nas modalidades percentuais etc; c) a identificação de características emocionais da criança, estímulos e esquemas de reforçamento aos quais responde e sua interação com as exigências escolares propriamente ditas.

Entende-se que o processo deve ser dinâmico, pois ela permite as tomadas decisões sobre a necessidade ou não de intervenção psicopedagógica. Ela é a investigação do processo de aprendizagem do indivíduo visando entender a origem da dificuldade ou distúrbio apresentado. Inclui entrevista inicial com os pais ou responsáveis pela criança, análise do material escolar, aplicação de diferentes modalidades de atividades e uso de testes para avaliação do desenvolvimento, áreas de competência e dificuldades apresentadas. No decorrer da avaliação podem ser realizadas atividades matemáticas, provas de avaliação do nível de pensamento e outras funções cognitivas, leitura, escrita, desenhos e jogos. Inicialmente, deve-se perceber, na consulta inicial, que a queixa apontada pelos pais como motivo do encaminhamento para avaliação, muitas vezes pode não só descrever o “sintoma”, mas também traz consigo indícios que indicam o caminho para início da investigação. “A versão que os pais transmitem sobre a problemática e principalmente a forma de descrever o sintoma, dão-nos importantes chaves para nos aproximarmos do significado que a dificuldade de aprender tem na família” (FERNÁNDEZ, 1991, p. 144).

Segundo Coll e Martín (2006), avaliar as aprendizagens de um aluno equivale a especificar até que ponto ele desenvolveu determinadas capacidades contempladas nos objetivos gerais da etapa. Para que o sujeito possa atribuir sentido às novas aprendizagens propostas, é necessária a identificação de seus conhecimentos prévios, finalidade a que se orienta a avaliação das competências curriculares. Dentre os instrumentos de avaliação também podemos destacar: escrita livre e dirigida, visando avaliar a grafia, ortografia e produção textual (forma e conteúdo); leitura (decodificação e compreensão); provas de avaliação do nível de pensamento e outras funções cognitivas; cálculos; jogos simbólicos e jogos com regras; desenho e análise do grafismo.

Depois de coletadas informações que considera importante para a avaliação, o psicopedagogo irá intervir visando à solução de problemas de aprendizagem em seus devidos espaços, uma vez que a avaliação visa reorganizar a vida escolar e doméstica da criança e, somente neste foco ela deve ser encaminhada, vale dizer que fica vazio o pedido de avaliação apenas para justificar um processo que está descomprometido com o aluno e com a sua aprendizagem. “De fato, se pensarmos em termos bem objetivos, a avaliação nada mais é do que localizar necessidades e se comprometer com sua superação.” (VASCONCELOS, 2002, p. 83).

2.1 DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM: CONCEITOS, CARACTERÍSTICAS E CAUSAS.

Quando se fala em dificuldades de aprendizagem, não pode deixar de ressaltar que, historicamente, a atenção nesse campo era mais voltada para as crianças, devido à defasagem em todas ou algumas matérias específicas ou a um comportamento considerado inadequado. Pois eram esses os critérios que orientavam a classificação de crianças com dificuldades de aprendizagem. Com isso não existe uma definição aceita universalmente do que seria considerado uma "dificuldade de aprendizagem", devido à heterogeneidade de sintomas. Rotta (2005), explica que no final do século XIX, as autoridades passaram a dar importância à necessidade que o indivíduo tinha de aprender. Se tornou claro o anseio de participar de uma aprendizagem formal, completar possibilidade de desenvolvimento e dessa forma assumir seu lugar na sociedade, aprender se tornou não só um diferencial mais como uma necessidade.

Assim o termo dificuldades de aprendizagem englobaria um grupo heterogêneo de transtornos que se manifestariam em dificuldades em tarefas cognitivas, podendo ocorrer em pessoas normais, sem problemas visuais, auditivos ou motores, além de, aparentemente, estarem relacionados a problemas de comunicação, atenção memória, raciocínio, entre outros.

Segundo Bateman (1965) a criança que apresenta uma dificuldades de aprendizagem é aquela que manifesta uma discrepância educacional

significativa entre o seu potencial intelectual estimado e o seu nível atual de realização, relacionada com as desordens básicas dos processos de aprendizagem que podem ser ou não acompanhadas por disfunção do sistema nervoso central, e que não são causadas por deficiência mental generalizada, por privação educacional ou cultural, perturbação emocional severa ou perda sensorial.

Numa perspectiva educacional, as DA refletem uma incapacidade ou impedimento para aprendizagem da leitura, da escrita, ou do cálculo, ou da aquisição de aptidões sociais. Entende-se que os alunos com DA podem apresentar na resolução de algumas tarefas escolares e serem brilhantes em outras atividades escolar.

De acordo com o que foi observado podemos descrever o comportamento das crianças com dificuldades de aprendizagem como desatento, hiperativo, impulsivo, sonhador, errático, destrutivo e imaturo. Em que muitas vezes não se sabe se estas características do comportamento são a causa de uma realização escolar fraca ou a consequência dela, porque muitos alunos sem dificuldades de aprendizagem apresenta o mesmo comportamento. Estas características do comportamento estão também associadas com a perturbação com déficit de atenção com hiperatividade o que torna às vezes difícil de estabelecer o diagnóstico diferencial entre dificuldades de aprendizagem e hiperatividade.

Os problemas escolares estão também relacionados com alguns problemas sociais que estas crianças apresentam como por exemplo, dificuldades interpessoais, problemas em estabelecer relações familiares, falta de competência social na escola e baixa autoestima. De modo geral, as crianças com dificuldades de aprendizagem e de comportamento são descritas como menos envolvidas com as tarefas escolares do que os seus colegas sem dificuldades.

Quanto as características, no que tange ao domínio cognitivo os alunos com dificuldades de aprendizagem revelam uma inteligência média ou superior à média com problemas cognitivos específicos, de pensamento ou de processamento psicológico que se traduzem em recordar coisas, em discriminar ou diferenciar percepções auditivas ou visuais e em desenvolver ou utilizar estratégias cognitivas. Os problemas na memória auditiva e visual estão

associados com as dificuldades de aprendizagem.

Os alunos com dificuldades de aprendizagem também apresentam problemas perceptivos tais como orientação esquerda-direita, diferenciação figura-fundo, discriminação de modelos, dificuldades na imagem corporal, reconhecimento simbólico.

Algumas estratégias, como por exemplo, a auto-verificação e auto-regulação que são desenvolvidas para o sucesso escolar estão ausentes nos alunos com Dificuldades de Aprendizagem. Falta-lhes o conhecimento destas competências, estratégias e passos necessários para resolver problemas ou completar tarefas. No domínio escolar: mostram uma realização escolar fraca numa área específica por exemplo leitura ou matemática que não se coaduna com as capacidades intelectuais que apresentam nos testes de inteligência.

No domínio da motricidade estas crianças são mais desajeitadas do que os seus colegas e demonstram mais dificuldades principalmente na coordenação fina. Já no domínio do comportamento a incapacidade em prestar atenção às tarefas e a elevada percentagem de atividades aparentemente sem objetivo (hiperatividade – impulsividade) são características habitualmente associadas com Dificuldades de Aprendizagem (FONSECA, 2004).

Os alunos com Dificuldades de Aprendizagem têm dificuldade em prestar atenção, em centrar a atenção e em manter a atenção. Alguns conceitos utilizados para descrever o comportamento das crianças com dificuldades de aprendizagem são: desatento, imperativo, impulsivo, sonhador, errático, destrutivo e imaturo. Muitas vezes não se sabe se estas características do comportamento são a causa de uma realização escolar fraca ou a consequência dela, porque muitos alunos sem dificuldades de aprendizagem exibem-nos. Estas características do comportamento estão também associadas com a perturbação com déficit de atenção com hiperatividade o que torna às vezes difícil de estabelecer o diagnóstico diferencial entre dificuldades de aprendizagem e hiperatividade (FONSECA, 2004).

No entanto as Causas, considerando-se a idade cronológica e o desenvolvimento maturacional da criança, espera-se que ela apresente determinados comportamentos e habilidades. Uma dificuldade de aprendizagem – seja ela académica ou não – é definida quando a criança não

se ajusta aos padrões de comportamento de outras crianças da mesma faixa etária. Quadros neurológicos como paralisia cerebral, epilepsia, deficiência mental, deficiências sensoriais devem ser sempre investigados.

A presença de uma dificuldade de aprendizagem não implica necessariamente em um Transtorno de Aprendizagem. Os Transtornos de Aprendizagem compreendem uma inabilidade específica como a leitura, escrita ou matemática em indivíduos que apresentam resultados significativamente abaixo do esperado para o seu nível de desenvolvimento, escolaridade e capacidade intelectual. Os transtornos de aprendizagem, como a dislexia, a discalculia, entre outros, interferem no processo de aquisição e manutenção de informações de uma forma acentuada provocando perturbações mais acentuadas no aprender da criança do que as dificuldades de aprendizagem (ROTTA, 2006).

2.2 DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA ESCRITA: DISORTOGRAFIA E DISGRAFIA

Entende-se que a escrita causou uma revolução bastante significativa nas comunicações, que os historiadores estabeleceram o encerramento da Pré-História e surge o nascimento da História no período em que o homem começou a escrever. Porém essa passagem histórica não se deu ao mesmo tempo em todas as partes do nosso planeta. Depois de muitos milênios a Pré-história findou na América, na África Central e na Austrália, com a conquista dessas regiões pelos europeus, a partir do século XV. Isso demonstra que por mais de cinco mil anos, a escrita manteve-se na vanguarda como um dos marcos iniciais da História. Segundo Fábio Costa Pedro e Olga M. A. Fonseca Coulon (1989), o fim da Pré-História ocorreu primeiramente no Oriente Próximo, com o surgimento da escrita ligado à evolução das primeiras civilizações urbanas, na região entre os rios Tigres e Eufrates, na Mesopotâmia, cerca de 40 séculos antes da Era Cristã.

Através disso a escrita adquiriu autonomia e independência, tornando-se objeto de necessidade de domínio mundial. Onde transcendeu em fama aos seus inventores e aos que a têm aperfeiçoado no processo contínuo da evolução das civilizações. Apenas se conhecem épocas, povos e locais de onde se deram os primeiros registros escritos, através dos cuneiformes,

desenvolvidos pelos sumérios na Mesopotâmia, por volta de 4.000 A.C., porém alguns historiadores situam seu aparecimento há mais de seis mil anos. Barbosa (p. 35) afirma que “o primeiro registro que se conhece é uma pequena lápide, encontrada nos alicerces de um templo em Al Ubaid. O construtor do templo escreveu nela o nome do seu rei. Esse rei pertenceu a uma dinastia entre 3150 e 3000 A.C.

A presença da escrita distingue-se como um marco das formas de expressão, não apenas com a finalidade de registrar a História, representar a fala ou ideias, ser apreendida e decodificada pelo conhecimento humano, mas por ultrapassar limites geográficos, resistir às épocas, ajudar a construir ou desconstruir culturas, universalizar religiões, ideias, pensamentos, sofrer mutações pelas mais diversas causas, entre elas as transliterações e as traduções, e, ainda assim, ter a capacidade de permanecer como originalmente foi produzida.

Sendo assim Torres e Fernández (2001), explica a disortografia como relacionadas aos aspectos perceptivos, intelectuais, linguísticos, afetivo-emocionais e pedagógicos. As causas de tipo perceptivos estão associadas a deficiências na percepção, na memória visual e auditiva e/ou a nível espaço-temporal, o que traz consequências na correta orientação das letras e na discriminação de grafemas com traços semelhantes, por exemplo.

Portanto a disortografia, compreende um padrão de escrita que foge às regras ortográficas estabelecidas convencionalmente, que regem determinada língua. Os escolares que começam a alfabetização com dificuldade para a aprendizagem da ortografia provavelmente chegarão ao final do ensino fundamental com ortográficas. Isso provocaria um impacto negativo para o desempenho acadêmico geral, pois ler e escrever, enquanto processos de decodificação ou grafo fonêmico e de codificação ou fonografêmico, sendo assim o reconhecimento das letras e os valores atribuídos aos grafemas no reconhecimento das palavras e a possibilidade de codificá-los, não são os únicos, nem os objetivos centrais da alfabetização, porém são necessários para toda aprendizagem acadêmica futura sem os quais ocorreria um atraso na aquisição de conhecimentos na maioria das áreas do currículo.

Uma criança com disortografia demonstra, geralmente, falta de vontade para escrever e os seus textos são reduzidos, com uma organização pobre e

pontuação inadequada. A sua escrita evidencia numerosos erros ortográficos de natureza muito diversa (TORRES; FERNÁNDEZ, 2001):

Etimologicamente, disortografia deriva dos conceitos “dis” (desvio) + “orto” (correto) + “grafia” (escrita), ou seja, é uma dificuldade manifestada por “um conjunto de erros da escrita que afetam a palavra, mas não o seu traçado ou grafia” (VIDAL, 1989, apud TORRES; FERNÁNDEZ, 2001, p. 76), pois uma criança disortográfica não é, forçosamente, disgráfica.

Já a etimologia da disgrafia deriva dos conceitos “dis” (desvio) + “grafia” (escrita), ou seja, é “uma perturbação de tipo funcional que afeta a qualidade da escrita do sujeito, no que se refere ao seu traçado ou à grafia.” (TORRES; FERNÁNDEZ, 2001, p. 127); prende-se com a “codificação escrita [...], com problemas de execução gráfica e de escrita das palavras”.

A criança com disgrafia apresenta uma escrita desviante em relação à norma/padrão, em que uma “caligrafia deficiente, com letras pouco diferenciadas, mal elaboradas e mal proporcionadas” (A.P.P.D.A.E., 2011b); a chamada “letra feia”. Compreendemos que uma criança em processo de aprendizagem da escrita apresenta, naturalmente, dificuldades no traçado das letras. Assim, durante este período, o professor deverá revelar especial atenção e fornecer as orientações necessárias para que os alunos realizem adequadamente a escrita, evitando, deste modo, na ausência de outras problemáticas associadas, a permanência de traçados incorretos que, conseqüentemente, poderão evoluir para um quadro de disgrafia.

Com isso percebemos que a Disgrafia é o transtorno da escrita, de origens funcionais, que surge nas crianças com adequado desenvolvimento emocional e afetivo, onde não existem problemas de lesão cerebral, alterações sensoriais ou história de ensino deficiente do grafismo da escrita. As causas podem ser várias: neurológica, psicológica, oftalmológica e /ou audiológica.

Torres e Fernández (2001) agrupam em três tipos as causas da disgrafia: maturativas, caracteriais e pedagógicas. As primeiras estão relacionadas com perturbações de lateralidade e de eficiência psicomotora (motricidade, equilíbrio). Estas crianças são desajeitadas do ponto de vista motor (geralmente possuem idade motora inferior à idade cronológica) e apresentam uma escrita irregular ao nível da pressão, velocidade e traçado, bem como perturbações de organização perceptivo-motora,

estruturação/orientação espacial e interiorização do esquema corporal. As causas caracteriais, por seu lado, estão associadas a fatores de personalidade, que podem, conseqüentemente, determinar o aspeto do grafismo (estável/instável, lento/rápido), e também a fatores psicoafetivos, pois o sujeito reflete na escrita o seu estado e tensão emocionais. As últimas, causas pedagógicas, poderão estar relacionadas, por exemplo, com uma instrução/ensino rígido e inflexível, com uma mudança inadequada de letra de imprensa para letra manuscrita e/ou uma ênfase excessiva na qualidade ou rapidez da escrita.

Os autores citados anteriormente acrescentam ainda a necessidade de se contemplarem técnicas de relaxamento global e segmentar, que podem ajudar a criança a reduzir os índices de ansiedade, stress, frustração e também baixa autoestima. Como sabemos, estas crianças são, na sua generalidade, alunos tímidos, sossegados (mas inquietos internamente), com motivação/interesse pela escola reduzidos e com baixos níveis de autoestima e autoconceito.

3 METODOLOGIA

3.1 DELINEAMENTO:

O estudo ora apresentado trata-se de um estudo de caso, pois teve como ator da pesquisa um único indivíduo, que apresentava dificuldades na escrita, tal estudo, quanto ao objetivo foi caracterizado como exploratório e descritivo, uma vez que tentamos explorar e aprofundar a temática (GIL, 2009).

3.2 PARTICIPANTE E LOCAL DA PESQUISA:

O adolescente Eric Lucas chegou ao atendimento clínico com doze anos de idade no meio do ano de 2014, onde veio encaminhado pela Psicóloga com a demanda de suspeita de Dislexia, em que sua mãe descreveu alguns problemas que possa contribuir para a sua dificuldade de aprendizagem. O adolescente não tem interesse pelos estudos, apresenta notas baixas, dificuldades de leitura e escrita, chupa dedo, sonambulismo e hiperativo.

O adolescente cursava o 7º ano do ensino fundamental em que o mesmo estudava numa escola pública da rede municipal da cidade de João Pessoa, situada no bairro José Américo, região dos conjuntos residenciais da capital.

A pesquisa foi realizada no departamento de Psicopedagogia da Clínica- Escola de Psicopedagogia, localizada na UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, no bairro do Castelo Branco, situada na cidade de João Pessoa.

3.3 INSTRUMENTOS E ANÁLISE DOS MATERIAIS:

Para a realização deste estudo foram utilizados os instrumentos: 1) ficha de observação usada durante o atendimento; 2) Roteiro de Anamnese, objetivando coletar dados sobre a história pregressa e atual do adolescente; 3) testes como: a Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (EOCA), Provas Operatórias de Piaget (P.O.P), Teste de Desempenho Escolar (TDE), Teste de Competência de Leitura de Palavras e Pseudopalavras (TCLPP),

Avaliação dos Processos de Palavras (PROLEC), tendo em vista com o objetivo de avaliar a dificuldade de aprendizagem do adolescente. Os dados obtidos por meio dos instrumentos citados foram analisados qualitativamente, observando as entrelinhas de cada resultado, a luz da literatura pesquisada em livros, artigos e materiais adquiridos on-line.

3.3 PROCEDIMENTOS:

Inicialmente foi apresentado a genitora do adolescente um termo de consentimento livre e esclarecido, construído com base na Resolução n. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que trata de pesquisa com seres humanos, documento em que a mãe permitiu a realização do estudo.

Em seguida, após a assinatura do termo pelo responsável, foi realizada a anamnese, roteiro estruturado com questões voltadas aos aspectos sociais e familiar, objetivando resgatar a história de vida pregressa e atual do sujeito.

No segundo encontro aplicamos a Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (EOCA), com objetivo de sondagem da problemática de aprendizagem e auxiliar o profissional na detecção da dificuldade apresentada pela criança. Nessa atividade foram utilizados materiais como: folhas de papel ofício, pautado, lápis novo sem ponta, apontador, caneta, tesoura, cola, régua e revistas no intuito de deixar a criança a vontade para fazer uso do material de forma livre.

No terceiro encontro foi realizado as provas operatórias de Piaget com o objetivo de detectar o nível do pensamento alcançado pela criança ou, o nível de estrutura cognitiva com que o sujeito é capaz de operar na situação presente, segundo Jean Piaget, a proposta é acompanhar na criança as noções que são objeto de estudo da epistemologia (tais como a noção de tempo, espaço, conservação, causalidade, número).

De acordo com a idade do adolescente o estágio a ser aplicado é o estágio formal em que foram dadas por três etapas as provas, com a primeira etapa com a Combinação de Fichas, onde os materiais a serem utilizados são seis fichas de 2,5cm de diâmetro, uma de cada cor com a intenção de formar num total de trinta pares com a seis fichas.

Segunda etapa foi a Permutação de Fichas que contém quatro fichas de cores diferentes, de 2,5cm de diâmetro, com o intuito de mostrasse todas as combinações que fosse capaz de fazer com todas as fichas numa sequencia. E em seguida a última etapa a Predição, onde os materiais para a realização desta prova será dezesseis fichas verdes, dez fichas amarelas, seis fichas lilás, uma ficha branca e um saco de pano, onde todas as fichas devem ter 2,5cm de diâmetro

Na quarta sessão foi aplicado o Teste de Desempenho Escolar (TDE), instrumento composto por três subteste, a primeira é escrita, onde o examinado escreve o próprio nome completo e escreve palavras isoladas apresentadas como forma de ditado. Em seguida é o subteste de aritmética com solução oral de problemas e cálculos de operações aritmética por escrito depois é o de leitura, onde o reconhecimento de palavras isoladas do contexto.

Na quinta sessão foi trabalhado o Teste de Competência de Leitura Silenciosa de Palavras (TCLPP: Capovilla e Capovilla, 2004; Capovilla e Capovilla, 2001), pois avalia o estágio de desenvolvimento da leitura ao longo

das etapas logográfica, alfabética e ortográfica de crianças em idade escolar. Trata-se de instrumento psicométrico e neuropsicológico cognitivo. Como teste psicométrico, é acompanhado de tabelas de normatização que permitem avaliar o grau de desvio entre o padrão de leitura de um examinando e o de seu grupo de referência conforme idade e nível de escolaridade. Como teste neuropsicológico cognitivo, permite interpretar o padrão de leitura específico de uma criança segundo modelo cognitivo de desenvolvimento de leitura e escrita, e inferir o estágio de desenvolvimento.

Facilitando uma visão integrada e aprofundada do grau de desenvolvimento e preservação dos diferentes mecanismos, rotas e estratégias envolvidos na leitura competente, lançando luz sobre a natureza da dificuldade específica do examinando. O TCLPP é composto de 78 itens (oito de treino e 70 de teste), cada qual composto de figura e elemento escrito, que pode ser palavra ou pseudopalavra. Pseudopalavras são sequências de caracteres que compõem um todo pronunciável, mas carente de significado. A escrita é apresentada em maiúsculas para permitir manipular o efeito da similaridade visual. A tarefa é circundar os itens corretos e cruzar (isto é, assinalar com um “X”) os incorretos, ou seja, aqueles em que há disparidade semântica entre figura e elemento escrito ou incorreção ortográfica na escrita. O TCLPP contém sete subtestes, cada qual com dez itens, todos distribuídos aleatoriamente no teste.

Na sexta sessão foi trabalhada as Provas de Avaliação dos Processos de Leitura (PROLEC), que Segundo(CAPELLINI 2010), são obtidas informações sobre as estratégias que cada escolar utiliza na leitura de um texto, bem como os mecanismos que não estão funcionando adequadamente para que se realize uma boa leitura, o que é de extrema importância na hora de buscar seu aperfeiçoamento ou recuperação. Por meio do PROLEC, é possível compreender as dificuldades de leitura, bem como ter auxílio na análise do diagnóstico dos transtornos de aprendizagem.

Os instrumentos que foram utilizados para a aplicação do teste foram: manual, folha de registro, caderno de provas, lápis e borracha. Já os testes aplicados foram:

I – IDENTIFICAÇÃO DAS LETRAS

- Nome ou som das letras

- Igual – Diferente

II – PROCESSOS LÉXICOS

- Decisão lexical

- Leitura de palavras

- Leitura de Pseudopalavras

- Leitura de palavras e Pseudopalavras

III - PROCESSOS SINTÁTICOS

- Estruturas gramaticais

- Sinais de Pontuação

IV – PROCESSOS SEMÂNTICOS

- Compreensão de orações

- Compreensão de texto

4 ANÁLISE E RESULTADOS

Após a assinatura do termo de consentimento, pela genitora do adolescente, sujeito da pesquisa, iniciamos a anamnese, roteiro estruturado com questões relativas a história do adolescente em todas as fases da sua vida, abrangendo aspectos familiar, social e escolar. Tais dados demonstraram tratar-se de uma adolescente com doze anos de idade que veio encaminhado pela Psicóloga com a demanda de suspeita de Dislexia, em que sua mãe relatou alguns problemas que possa contribuir para a sua dificuldade de aprendizagem, pois o mesmo não tem interesse pelos estudos, apresenta notas baixas, dificuldades de leitura e escrita, chupa dedo, sonambulismo e hiperatividade.

A primeira sessão se deu com a participação da mãe do adolescente e seu irmão mais velho. Pois essa entrevista tem como objetivo resgatar a

historia de vida do sujeito e colher dados importantes que possam esclarecer fatos observados durante o diagnostico, bem como saber que oportunidades este sujeito vivenciou como estímulo as novas aprendizagens. Com isso foi possível coletar algumas informações sobre o menino em relação a gestação, relacionamento familiar e o seu desenvolvimento na escola, corroborando com Simaia Sampaio (2014).

No segundo encontro foi trabalhado a Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (EOCA), que tem como objetivo investigar os vínculos que ela possui com os objetos e os conteúdos de aprendizagem escolar, observar suas defesas, condutas evitativas e como enfrentar novos desafios.

Através dessa atividade foi observado que o adolescente tem um grande fascínio por animais e por historias relacionadas com o assunto, também foi observado que não gosta de desenhar, não apresentou interesse para escrever e não demonstrou curiosidade nos demais matérias que lhe foram apresentados.

Para o terceiro encontro foi realizado as provas operatórias de Piaget com o objetivo de detectar o nível do pensamento alcançado pela criança ou, o nível de estrutura cognitiva com que o sujeito é capaz de operar na situação presente, o que possibilitou-nos perceber o nível de estrutura cognitiva com que o sujeito é capaz de operar na situação presente, pois segundo Jean Piaget, a proposta é acompanhar na criança as noções que são objeto de estudo da epistemologia (tais como a noção de tempo, espaço, conservação, causalidade, número).

De acordo com a idade do sujeito o estágio aplicado foi o estágio formal, em que foram divididas por três etapas as provas, com a primeira etapa empregando a combinação de fichas, utilizando os seguintes materiais: seis fichas de 2,5cm de diâmetro, uma de cada cor com a intenção de formar um total de 30 (trinta) pares de fichas. Utilizada a ferramenta supramencionada logo constatamos que ele encontra-se no primeiro sub estágio do operatório formal pois realizou com êxito conseguindo antecipar possibilidades, mediante um sistema metódico

A segunda etapa consiste na permutação de fichas que foram nas seguintes cores e montantes: 16 (dezesseis) fichas verdes, 10 (dez) fichas amarelas, 06 (seis) fichas lilases, uma ficha branca e um saco de pano, onde

todas as fichas devem ter 2,5cm de diâmetro; O resultado obtido neste passo, foi um rótulo no cliente de; primeiro sub estágio do operatório formal pois este consegue realizar as permutações por meio de todos os paradigmas que caracterizam o diagnostico citado anteriormente.

Já na quarta sessão foi trabalhado o Teste de Desempenho Escolar (TDE), 1994, é um instrumento psicométrico de aplicação individual que avalia de forma ampla as capacidades fundamentais para o desempenho escolar em três áreas específicas: leitura, escrita e aritmética, voltado para 1ª a 6ª séries do Ensino Fundamental. O teste é composto por três subteste, a primeira é escrita, onde o examinado escreve o próprio nome completo e escreve palavras isoladas apresentadas como forma de ditado. Em seguida é o subteste de aritmética com solução oral de problemas e cálculos de operações aritmética por escrito depois é o de leitura, onde o reconhecimento de palavras isoladas do contexto.

TDE – Subteste de palavras – O adolescente mostrou-se muito curioso e ansioso em saber o que seria feito e durante a explicação, ele demonstrou estar atento e disposto. No primeiro Subteste, que foi o ditado de palavras, á princípio, ele não entendeu, pois mencionou que tinha dificuldade em realizar a atividade, mas depois de explicar claramente, ele compreendeu e prestou bastante atenção em cada palavra.

Por várias vezes fez-se necessário repetir as palavras, para ele compreender o som delas e só assim começar a escrever, ele sempre falava a palavra enquanto escrevia, como uma maneira de memorizar e não esquecer a palavra. Ele não teve nenhuma vergonha em perguntar quando estava com dúvida. A maioria dos seus erros foi na troca de **l e u** e **x e ch**.

O participante sempre perguntava como se escrevia a palavra, se estava certo ou errado para avaliadora e sempre ressaltamos que ele deveria escrever como soubesse que a palavra era escrita.

Subteste de Aritmética – Durante o subteste ele se mostrou bastante ansioso. Quando o examinador perguntou se ele gostava de matemática, ele respondeu que sim, mas se mostrou apreensivo. Durante esse subteste pode-se notar que o adolescente não tem noção de maior ou menor quando se pergunta qual é o maior: 42 ou 28 e em contas com dois algarismos, por exemplo.

Subteste de leitura – O participante saiu-se bem nesse subteste, realizou com êxito a leitura da maioria das palavras, algumas que ela leu errado foram as com som de **x** e **ch**.

Já no TCLPP o participante obteve uma pontuação de 60 acertos correspondente a pontuação padrão de (107,42) classificada Alta para a série correspondente. Com isso as informações da pontuação dos correspondentes subtestes referentes à Corretas Regulares (CR) do qual o adolescente saiu-se bem, pois o mesmo utilizou uma das três rotas tanto (logográfica, fonológica ou lexical).

Já na Corretas Irregulares (CI) ela pode ser respondida com duas das três rotas (logográfica ou lexical). Já nas Vizinhas Semânticas (VS) ele acertou todas e também pode ser respondida nas três rotas de leitura. As Vizinhas Visuais (VV) nessa etapa as (VV) podem ser respondidas com duas das três rotas (a fonológica ou lexical). Vizinhas Fonológicas (VF) ela teve um bom desempenho, nessa etapa ele precisaria usar duas das três rotas (a fonológica ou lexical). Pseudopalavras Homófonas (PH), ele não obteve um bom resultado, só conseguiu acertar duas. Só poderia usar a rota lexical (que é a forma visual direta da configuração ortográfica). Pseudopalavras Estranhas (PE) o participante conseguiu responder todas corretas e para responder ele poderia utilizar as três rotas (logográfica, fonológica e lexical).

Por último foi o PROLEC em que atividade foi para falar o nome ou som das letras, pois esta atividade tem o objetivo de averiguar se o adolescente conhece todas as letras ou se apresenta algum problema com algumas delas. O sujeito se mostrava bastante ansioso durante a explicação da atividade, ele teve dificuldade em entender, porém foi explicado algumas vezes e ele compreendeu. Ele teve um bom desempenho, porém no item quatorze apresenta a letra (q) e o participante nomeia como letra (p).

A segunda atividade foi a igual-diferente em palavras e pseudopalavras, pois esta atividade tem o objetivo de comprovar se o sujeito é capaz de realizar essa tarefa, utilizando pares de estímulos que somente se diferenciam em uma letra. Com isso ele desenvolveu bem a atividade, apesar de sempre querer ler em colunas e não em linha reta, da esquerda para a direita. No item 19 onde

contém o par de palavras dolhas-folhas que são pares diferentes, o adolescente relatou que eram iguais.

A terceira atividade foi decisão lexical, onde tem como o objetivo tratar de medir o nível de representações ortográficas que a criança possui com a finalidade de comprovar se o sujeito é capaz de reconhecer as palavras, independentemente de ser capaz ou não de lê-las. No decorrer da explicação ele mostrou-se bastante atento diante do que seria feito e teve uma boa compreensão. Concluiu bem a atividade, acertando todos os itens dos exercícios.

A quarta atividade foi leitura de palavras, a atividade tem como objetivo comparar o desenvolvimento das rotas de reconhecimento de palavras. Ele realizou bem a atividade, porém no item 15 ele errou a pronúncia da palavra trânsito, ele leu transito.

A quinta atividade foi leitura de pseudopalavras, cujo seu objetivo observar as rotas de reconhecimento de palavras. O adolescente atingiu o objetivo da atividade que pede para ler em voz alta as palavras inventadas, em que não apresentou nenhuma dificuldade e acertou todos os itens.

A sexta atividade foi leitura de palavras e pseudopalavras, seu objetivo é analisar o grau de desenvolvimento que o sujeito alcançou com as rotas de leitura. Ele seguiu bem as instruções da atividade lendo todas as palavras reais e inventadas em voz alta, porém errou quatro itens: 21- leque (IC), onde ele faz a troca do “q” pelo “g”; 28 – tarrega (PL), onde ele fez a leitura da palavra com apenas um “r”; 45 – seva (PC), onde ele troca o “s” pelo “z” e o item 56 – sargeta (IL), onde ele novamente troca o “s” pelo “z”.

A sétima atividade foi estruturas gramaticais, cujo objetivo é comprovar a dificuldade que se pode produzir ao utilizar distintas estruturas sintáticas. Nessa atividade foi solicitado que o participante observasse a figura e depois lesse as frases para dizer qual delas representava a gravura. No decorrer da atividade, ele estava bastante concentrado na figura e nas frases e chegava a ler mais de uma vez antes de responder, no decorrer dos acertos ele sempre comemorava e ressaltava que estava muito fácil.

Neste exercício o adolescente errou um item que foi item três onde a gravura representava a frase correspondente, o carro está sendo seguido pelo

caminhão e ele respondeu, é o caminhão que o carro segue foi mostrado a ele qual era a resposta correta.

Na oitava tarefa de Sinais de Pontuação cujo objetivo é investigar a capacidade do sujeito de realizar as pausas e entonações que indicam os sinais de pontuação. Foi mostrado para o mesmo uma história para que ele lesse em voz alta com clareza e boa entonação. O adolescente não respeitava os sinais de pontuação do texto e quando falava alguma palavra errada ele se corrigia rapidamente. Apesar da leitura ter um ritmo lento, mas tem uma boa entonação e fala de forma clara.

Na nona atividade sobre compreensão de oração cujo objetivo é avaliar se o sujeito é capaz de extrair o significado de simples orações que são apresentados. Ele executou tudo que foi solicitado, pois se mostrou bastante ansioso em relação ao caderno de resposta onde foi explicado o que seria feito, pois ele relata que seria difícil desenhar o que foi sugerido pela atividade.

O entrevistado apresentou algumas dificuldades ao realizar a tarefa, porém seguiu concluir as atividades que foram solicitadas. A décima atividade foi Compreensão de Textos, que tem como objetivo investigar se o participante é capaz de extrair o significado e integrá-lo em seus conhecimentos.

Observado atentamente os testes chega a hora de afirmar que o adolescente tem imensa dificuldade na escrita, visto que foi encontrado vários erros ortográficos. Para todas as atividades programadas, foram previstos encontros semanais com um tempo estimado de 1 (uma) hora em cada encontro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com todos os testes utilizados: EOCA, Provas Operatórias de Piaget, TDE, TCLPP e o PROLEC que foram aplicados para o participante na clínica-escola psicopedagógica na Universidade Federal da Paraíba, demonstraram que o adolescente tem uma dificuldade em leitura com relação às palavras extensas e com consoantes, pois na escrita faz omissões de letras, tem dificuldade na utilização das letras para escrever palavras, observamos também que o adolescente tende a escrever textos curtos, a ter dificuldade no uso de coordenação e subordinação das orações, dificuldade em perceber os sinais de pontuação, falta de vontade para escrever. Já na aritmética não tem

domínio com equações e com mas de dois números, pois apresenta dificuldades em reconhecer as operações básicas.

No decorrer do processo de avaliação foram encontrados alguns obstáculos tais como a ausência do adolescente, falta de recursos para desenvolver as atividades, atrasos do adolescente, o que demonstrava falta de compromisso do mesmo perante as sessões. Vários feriados que aconteceram durante o percurso previsto para o atendimento.

Os dados coletados e analisados, trouxeram para a pesquisadora um conhecimento mais aprofundado sobre as dificuldades de aprendizagem associados as possíveis intervenções psicopedagógicas. A partir desse estudo esperamos também contribuir para novas pesquisas na área da psicopedagogia onde o intuito foi compreender as causas das dificuldade de aprendizagem e avaliação psicopedagógicas nas dificuldades de aprendizagem na escrita através do estudo de caso relatado.

E importante ressaltar a participação da família para que possa entender a origem das dificuldades de aprendizagem numa forma de trabalhar em conjunto para que se tenha um resultado esperado para o que foi proposto. É esperando que o participante continue sendo avaliado pelo psicopedagogo para que se trabalhe o processo de intervenção numa tentativa de amenizar tais dificuldades apresentadas.

ABSTRACT

Psychopedagogic EVALUATION ON LEARNING DIFFICULTY IN WRITING

Summary: In recent years learning difficulties has become the focus of studies and research with intensity. Yet are poorly understood by the general public. Because the term learning disability refers not only disorder, but a wide range of issues that can affect any area of academic achievement. Thus the difficulties in writing have always existed, but gained greater prominence after the development of scientific studies on learning disabilities. The objective in focus is to demonstrate the clinical psychoeducational evaluation, next to a teenager with learning difficulties in writing. It is a case study, characterized according to the goal as a descriptive study, which when qualitatively analyzed gave up from the collected data, along with a participant 12-year-old, who was attending the 7th grade of elementary school II a public school in the municipal city of Joao Pessoa education. They were used as research tools Piaget tests, EOCA, TDE, RCT and PROLEC. The analysis of data collected by the aforementioned instruments enabled us to show that the subject, study the protagonist had difficulty in writing, demonstrating that their writing skills does not correspond with the school year that is attending.

Keywords: psychoeducational evaluation. Learning. Writing

6 REFERENCIAS

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1991.

BATMAN, B. **An educator's view of a diagnostic approach to learning disorders**. In: Hellmuth, J. (Ed.) Learning disorders. Seattle: Special Child Publications, 1965.

BOSSA, Nádia Aparecida. **A psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

COLL, César; MARTÍN, Emília. **O construtivismo na sala de aula**. 6. Ed. Itapeverica: Editora Ática, 2006.

_____. MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação**: transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

Fonseca V. **Dificuldades de aprendizagem**: abordagem neuropsicológica e psicopedagógica. Lisboa:Âncora Editora;2004.

ROTTA, Newra Tellechea et al. **Transtornos da aprendizagem**: Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006.

TORRES, R.; FERNÁNDEZ, P. **Dislexia, Disortografia e Disgrafia**. Amadora Santos- SP: McGrawHill, 2001.

VASCONCELLOS, Celso. Avaliação da aprendizagem: construindo uma práxis. In: **Temas em educação** – 1º Livro da Jornadas de 2002. Futuro Eventos.

anexos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
OBRIGATÓRIO PARA PESQUISAS CIENTÍFICAS EM SERES HUMANOS

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA

Nome:

Sexo: Masculino () Feminino () Data Nascimento:/...../.....

Endereço:

Bairro:

Cidade:

Telefone: (.....) Email:

Título do Protocolo de Pesquisa:

Subárea de Investigação:

Pesquisadora responsável: NOME – Instituição – Endereço - Telefone:..
 Email:

Avaliação do risco da pesquisa:

() Risco Mínimo () Risco Médio () Risco Baixo () Risco Maior

Objetivos e Justificativa:

. Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo: “XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX”. Os propósitos desta pesquisa são claros. Do mesmo modo, estou ciente dos procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente na minha participação, sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízos.

Este termo será assinado em 02 (duas) vias de igual teor, uma para o participante da pesquisa e outra para o responsável pela pesquisa.

João Pessoa, / /

 Assinatura do Participante da Pesquisa

 Assinatura do Responsável da Pesquisa